

AVISO Importante

<sup>115.30</sup>  
Esta carta saiu, literalmente, muito lepidoptera.

Lisboa - julho 1915  
dia 17

Meu Querido Amigo,

Venho lembrar-lhe tudo quando lhe disse na minha carta de ontem, recomendar-lhe muito que se não esqueça de passar na livraria p<sup>a</sup> falar sobre o "Ceus em Fôgo" afim de eu saber de certeza se posso contar com o dinheiro dessa venda até 8 de agosto efectivamente. Rogo-lhe tambem que me escreva com a maior brevidade uma das suas cartas-relatorio falando-me sobretudo do Orfeu — e outras tricas literarias. O Leal circula ainda? O Santa-Rita Pintor tem aparecido por Lisboa? Etc. etc. E a verdade o Afonso Costa afinal morreu ou não? E a P. Sebastião chegou um jornal a dedicar

Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa  
17 de Julho de 1915

[p.1]

AVISO Importante! {esta carta saiu, literariamente, muito lepidoptera.

Lisboa — julho 1915  
dia 17

Meu Querido Amigo,

Venho lembrar-lhe tudo quanto lhe disse na minha carta de ontem, recomendar-lhe muito que se não esqueça de passar na livraria p<sup>a</sup> falar sobre o "Ceus em Fôgo" afim de eu saber de certeza se posso contar com o dinheiro dessa venda até 8 de agosto efectivamente. Rogo-lhe tambem que me escreva com a maior brevidade uma das suas cartas-relatorio falando-me sobretudo do Orfeu — e outras tricas literarias. O Leal circula ainda? O Santa-Rita Pintor tem aparecido por Lisboa? Etc. etc. E a verdade o Afonso Costa afinal morreu ou não? Em San Sebastián chegou um jornal a dedicar



o seu artigo de fundo ao grande estadista morto. Todos os jornais espanhóis — e os franceses — noticiaram com efeito a morte do tribuno no dia 14. Mas já li aqui no *Matin* ou no *Journal* (só num deles) um desmentido. Logo... Preocupei-me de resto com a morte do Afonso pela sua vida, meu caro Fernando Alvaro Pessoa de Campos.

Paris, então. Ah! uma glória. Outra glória — outra maravilha. Maravilha que, de resto, para ser vibrada em todo o seu oiro necessita de influenciar alguém que tivesse conhecido a Cidade em plena paz. É a mesma — mas em febre amortecida. Dir-se-hia que mão fantástica fechou um pouco o registo regulador do movimento-total, da "corda" que faz mover, em relojoaria,

[p.2]

o seu artigo de fundo ao grande estadista morto. Todos os jornais espanhóis — e os franceses — noticiaram com efeito a morte do tribuno no dia 14. Mas já li aqui no *Matin* ou no *Journal* (só num deles) um desmentido. Logo... Preocupei-me de resto com a morte do Afonso pela sua vida, meu caro Fernando Alvaro Pessoa de Campos.

Paris, então. Ah! uma glória. Outra glória — outra maravilha. Maravilha que, de resto, para ser vibrada em todo o seu oiro necessita de influenciar alguém que tivesse conhecido a Cidade em plena paz. É a mesma — mas em febre amortecida. Dir-se-hia que mão fantástica fechou um pouco o registo regulador do movimento-total, da "corda" que faz mover, em relojoaria,

115-30a

Paris inteiro. Juro-lhe que desde o  
proprio barulho dos automoveis, desde o  
barulho — e as suas buzinas — até  
aos timbres electricos, chamarizes dos  
animatografos e mais baiucas, tudo  
se atenuou, esmaeceu, velou, diluiu —  
mas permaneceu em encanto —  
mais penetrante hoje por subtilisado,  
do, imponderalizado, cendrado —  
mas simultaneamente febrilizado  
em novas crispacoes. Não sei  
explicar-lhe o que quero. Mas  
em fim, suponha isto — tal e qual:  
uma grande cidade, as cidades  
da minha musica e dos meus livros —  
rutilas de Europa, largas, peçadas  
de transito e movimentos — rendez-  
vous cosmopolitas, farfalhantes de  
acção. Pois bem: suponha que assim como o  
guarda freio dum electrico,  
o chauffeur ao volante dum automovel  
podem

Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa  
17 de Julho de 1915

[p.3]

Paris inteiro. Juro-lhe que desde o proprio barulho dos automoveis  
deslisando nas ruas — e as suas buzinas — até aos timbres  
electricos, chamarizes dos animatografos e mais baiucas, tudo se  
atenuou, esmaeceu, velou, diluiu — mas permaneceu em encanto  
— mais penetrante hoje por subtilisado, imponderalizado,  
cendrado — mas simultaneamente febrilizado em novas  
crispacoes. Não sei explicar-lhe o que quizera. Mas em fim,  
suponha isto — tal e qual: uma grande cidade, as cidades da  
minha ansia e dos meus livros — rutilas de Europa, largas, peçadas  
de transito e movimentos — rendez-vous cosmopolitas,  
farfalhantes de acção. Pois bem: suponha que assim como o  
guarda freio dum electrico, o chauffeur ao volante dum automovel  
podem

acelerar ou diminuir a velocidade  
do seu vehiculo — e como tambem  
uma torneira permite que aumem  
tamos o jorro dum repuxo a  
meio dum lago — seria licito por  
qualquer mecanismo de regulador  
fazer o mesmo a toda actividade  
multippla e diversa da Grande  
Capital. Sim suponha isso possivel.  
Suponha-se fechando esse  
regulador. E aqui ~~tem~~ a mudanca  
toda de Paris — tão real, mas  
tão enigmatica e perturbadora  
na sua realidade diminuida.  
Paris em resumo assim é:  
Paris diminuido em grandeza,  
desconhecidamente ungiu-se de  
oculto, diluiu-se em incerto.  
Tanto maior o seu quebranto —  
que se estilisa em máfica  
intensidade, á noite —  
vincadamente. Lembra-se do

[p.4]  
acelerar ou diminuir a velocidade do seu vehiculo — e como  
tambem uma torneira permite que aumentemos o jorro dum  
repuxo a meio dum lago — seria licito por qualquer mecanismo de  
sonho fazer o mesmo a toda a actividade multipla e diversa da  
Grande Capital. Sim suponha isso possivel. Suponha-se fechando-  
abrindo esse regulador. E aqui tem a mudança toda de Paris — tão  
real, mas tão enigmatica e perturbadora na sua realidade  
diminuida. Pois em resumo assim é: Paris, diminuido em grandeza,  
desconhecidamente ungiu-se de oculto, diluiu-se em incerto. Tanto  
maior o seu quebranto — que se estilisa em máfica intensidade, á  
noite — vincadamente. Lembra-se do

115-31

Homem dos sonhos, o meu  
conto? Pois hoje Paris, á  
noite — é a cidade que  
ele viajara em sonhos: ela  
própria; na treva impenetravel,  
toda a vida. E rasgam-se  
os boulevards, em verdade,  
numa ideia só ascendente —  
e desliza a vida: rolam  
os automoveis, os trens —  
deslizam nos largos passeios  
de asphaltos a multidão  
dos transeuntes. E com efeito  
tambem todo este silencio  
se reúne em musica: não  
realmente em musica mas  
na ideia duma melodia  
impossivel que não se ouvisse,  
e fosse apenas um bafo: um  
halito inconstante, perfumado  
em espasmo — que nós aspiramos  
nos como se o ouvissemos em

Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa  
17 de Julho de 1915

[p.5]

Homem dos Sonhos, o meu conto? Pois hoje Paris, á noite — é a cidade que êle viajara em sonhos: ela própria: na treva impenetravel, toda a vida. E rasgam-se os boulevards, em verdade, numa ideia só ascendente — e desliza a vida: rolam os automoveis, os trens — desliza nos largos passeios de asphalto citadino a multidão dos transeuntes. E com efeito tambem todo este silencio se reúne em musica: não realmente em musica mas na ideia de uma melodia impossivel que não se ouvisse, e fosse apenas um bafo: um halito inconstante, perfumado em espasmo — que nós aspirassemos como se o ouvissemos em

harmonia. Com efeito no  
medo futurista dos grandes  
dirigíveis imperiais e  
agudos — só raros, raríssimos  
candeeiros de gaz são acesos.  
A ponto que é difícil tranzitar,  
ir com muita cautela no  
perigo até de entropesar. Fulgu-  
ram a apoteosizar todo  
o ambiente velado, se não ha  
nuvens, as estrelas que se  
diriam de papel prateado sobre  
uma toga negra de magica nos teatros dos  
millionarios. E a multidão desliza. Deve haver beijos nos recantos —  
e estiletos porventura se cruzarão remotamente nas esquinas  
mais solitarias. Emfim, é o misterio emprestado a todas as coisas —  
a cidade

[p.6]

harmonia. Com efeito no medo futurista dos grandes dirigíveis imperiais e agudos — só raros, raríssimos candeeiros de gaz são acesos. A ponto que é difícil tranzitar, ir com muita cautela no perigo até de entropesar. Fulguram a apoteosizar todo o ambiente velado, se não ha nuvens, as estrelas que se diriam de papel prateado sobre uma toga negra de magica nos teatros dos millionarios. E a multidão desliza. Deve haver beijos nos recantos — e estiletos porventura se cruzarão remotamente nas esquinas mais solitarias. Emfim, é o misterio emprestado a todas as coisas — a cidade

115-310

toda vivendo nas trevas impenetráveis. E mais se frisa então a impressão de incredulo, de duvidoso e fugitivo, num Calafrio remoto e intranquilo que mais nimba arrepiando-as as sensações diluidas, de excitação agora — esquivamente. Dir-se-hia uma cidade de furtiva, em suma, meu querido amigo: uma cidade fóra do espaço e do tempo: existindo ás escuras — colonia astral, talvez de criminosos... Não sei. Mas todas estas bizarras interseccionistas me impressiona Paris de hoje. Perdõe toda esta pessima literatura. Sabe? São apenas fugitivos apontamentos: até esboços de apontamentos — para

Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa  
17 de Julho de 1915

[p.7]

toda vivendo nas trevas impenetráveis. E mais se frisa então a impressão de incredulo, de duvidoso e fugitivo, num Calafrio remoto e intranquilo que mais nimba arrepiando-as as sensações diluidas, de excitação agora — esquivamente. Dir-se-hia uma cidade furtiva, em suma, meu querido amigo: uma cidade fóra do espaço e do tempo: existindo ás escuras — colonia astral, talvez de criminosos... Não sei. Mas todas estas bizarras interseccionistas me impressiona Paris de hoje. Perdõe toda esta pessima literatura. Sabe? São apenas fugitivos apontamentos: até esboços de apontamentos — para

algumas paginas que presumivel  
e futuramente escreverei. Uma  
cronica. Mas uma cronica  
paúllica. É verdade: e se eu  
desenvolvesse tudo isto e o  
ajustasse p<sup>a</sup> o n<sup>o</sup> 3 do Orfeu?  
Como cronica, evidentemente.  
Mas se lhe afigura que eu  
posso tirar daqui? Deu por  
crisis interessante. Diga. E  
há de ficar lá no que lhe digo.  
Ha muitos outros verticez.  
Escreva. Por amor de Deus. E  
há de se esquecer das minhas incum-  
bencias e de eu contar o que  
lhe disser o Augusto. Um  
grande abraço e um grande  
adeus.

O seu, mto. seu

Mário de Sá Carneiro  
Poste Restante  
Bureau des Italiens Paris

[p.8]

algumas paginas que presumivel e futuramente escreverei. Uma cronica. Mas uma cronica paúllica. É verdade: e se eu desenvolvesse tudo isto e o ajustasse p<sup>a</sup> o n<sup>o</sup> 3 do Orfeu? Como cronica, evidentemente. Que se lhe afigura que eu posso tirar daqui? Qualquer coisa interessante? Diga. E não se fie só no que lhe digo. Ha muitos outros verticez. Escreva. Por amor de Deus. E não se esqueça das minhas incumbencias e de me contar o que lhe disser o Augusto. Um grande abraço e um grande adeus.

o seu, mto. seu

Mário de Sá Carneiro

Poste Restante  
Bureau des Italiens  
Paris